

PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA

VIVA VOX- DFL- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Ano 3 - no.5 Janeiro-Junho/ 2010

DIÓGENES, O CÃO: IMAGENS, DITOS CÉLEBRES, COMENTÁRIOS, EPIGRAMAS

Aldo Dinucci
Doutor em Filosofia
Professor adjunto do DFL/UFS

Resumo: Se você consultar o dicionário, verá como significado de “cínico” algo como “descarado, fingido”. Assim, “cínico”, nos nossos dias, é alguém dissimulado ou insolente. Os cínicos na Antiguidade com certeza não eram dissimulados, pois se caracterizavam por dizer o que lhes passava pela cabeça. A irreverência, porém, lhes era característica.

Palavras-chave: Diógenes, Cinismo, Socratismo.

Abstract: If you consult the dictionary, you will see the term “cynic” meaning something like “shameless, insincere”. In fact, in our days we call “cynic” someone who deceits or is impudent. The ancient Cynics for sure were not dissimulated, for they distinguished themselves by saying whatever came in their minds. Irreverence, however, was their Mark.

Keywords: Diogenes, Cynicism, Socratism.



Diógenes, por John William Waterhouse (*Art Gallery of New South Wales -Sydney*)¹

INTRODUÇÃO

Desde fevereiro de 2008 disponibilizei de modo despretensioso no sítio <http://diocane2008.nafoto.net> uma série de textos sobre Diógenes, alguns meus, outros traduzidos por mim do grego e do latim, junto com fotos de pinturas e esculturas sobre Diógenes que encontrei navegando pela internet. Para minha surpresa, em cerca de um ano e meio mais de duas mil pessoas visitaram o site, sem que houvesse qualquer publicidade de minha parte. É patente, portanto, a existência de um interesse difuso por Diógenes, esse filósofo que habita nossa imaginação, o homem que vive feliz, de modo frugal e

¹ Fonte: http://nibiryukov.narod.ru/nb_pinacoteca/nb_pinacoteca_painting/nb_pinacoteca_waterhouse_diogenes.jpg

austero, na mais absoluta liberdade, representando nossos anseios de libertação. De fato, não pensamos diversas vezes em nos ver livres das amarras (sociais, familiares, entre outras) que nos oprimem e nos sujeitam? Não é o sonho de muitos de nós simplesmente “pegar a estrada”, “cair no mundo”, “encontrar uma nova vida”? Diógenes, sem sombra de dúvida, simboliza esse anseio de libertação. Decidi então apresentar o conteúdo do sítio como um suplemento da Revista de Filosofia Prometeus para que o trabalho não se perdesse, como costuma acontecer com muitos sítios que subitamente desaparecem na internet. Publico-o então dessa forma para que continue inspirando a quem interessar possa.

I

Diógenes e os Cínicos²

Se você consultar o dicionário, verá como significado de “cínico” algo como “descarado, fingido”. Assim, “cínico”, nos nossos dias, é alguém dissimulado ou insolente. Os cínicos na Antiguidade com certeza não eram dissimulados, pois se caracterizavam por dizer o que lhes passava pela cabeça sem papas na língua. A irreverência, porém, lhes era característica. Assim, os cínicos deram um passo além de Sócrates, pois esse se contentava com a ironia, com a qual abordava seus interlocutores para fazê-los falar mais fácil e confiantemente, e assim poder refutá-los. É-se irônico quando o sentido real do que se diz é o contrário do literal, e Sócrates era irônico quando, ao tratar com alguém que se considerava sábio, dizia querer ouvir suas “sábias palavras” sobre um determinado tema para, então, através do diálogo, mostrar ao que se supunha sábio que ele não sabia o que julgava saber. Já um cínico vai direto ao ponto em suas críticas das opiniões e modos de ser dos demais: eles são realmente desaforados e atrevidos em suas críticas. E podemos dizer que essa irreverência é para eles um princípio educacional, um modo de fazer com que aquele que os escute grave de fato a crítica e reflita sobre ela, o que raramente acontece quando nos limitamos a conversar de modo “civilizado”. De fato, os cínicos perceberam que nem sempre se consegue progresso com o diálogo, especialmente quando tratamos com pessoas muito teimosas,

² Publicado originalmente em espanhol sob o título *Notas sobre la escuela filosófica cínica* (Cf. Referências bibliográficas).

peças que acham que sabem o que não sabem (arrogantes) e peças infantis (imbecis). Assim, para os cínicos, o melhor modo de se chegar ao coração da maioria das peças é através de uma boa tirada, especialmente em público. E nós todos achamos engraçadas essas tiradas, pois, em diversos sentidos, somos também imbecis, infantis, arrogantes e teimosos, assim como a quase totalidade da humanidade. Um exemplo disso: certa vez Diógenes foi à casa de um homem rico que insistentemente lhe mostrava seus ricos objetos e dizia a Diógenes que esse não cuspsse em sua casa por serem caríssimos os objetos que lá estavam. Em determinado momento, Diógenes junta uma boa quantidade de saliva em sua boca e dá uma bela escarrada na cara do grego rico, e este, estupefato, após perguntar a Diógenes porque esse lhe fizera tal ultraje, obteve como resposta que sua cara foi o lugar mais sujo que o Cão encontrara naquela residência. Trocando em miúdos: Diógenes poderia ter feito um belo diálogo com o grego rico para mostrar-lhe o quanto era tola a ostentação e que é néscio aquele que, ao exibir seus objetos, pensa estar exibindo a si mesmo, pois crê serem suas as qualidades que, na verdade, são das coisas, enquanto, ao mesmo tempo, se desvaloriza, pois, com sua atitude, mostra valorizar mais as coisas que a si mesmo. Diógenes poderia ter dito coisas tais, mas fez melhor: com sua cusparada e sua resposta disse tudo isso e muito mais com menos palavras e mais efeito, pois, após ouvir um belo discurso contra a ostentação, você pode eventualmente esquecer (e em geral esquece) as razões pelas quais não se deve ostentar, mas como esquecer o essencial, quer dizer, o que há de ridículo e irracional na ostentação depois de se ouvir sobre a cusparada de Diógenes?

A escola filosófica cínica teve como precursor Antístenes, um amigo de Sócrates, e por isso podemos dizer que o cinismo é uma filosofia socrática (assim como o estoicismo e o epicurismo, escolas também fundadas por amigos, amigos dos amigos ou admiradores de Sócrates e seus amigos, escolas que têm em comum e apoiam várias ideias concebidas por Sócrates). Muitos e muitos outros filósofos cínicos houve, por quase mil anos, até o movimento ser proibido por forças conservadoras que não apoiavam a liberdade de expressão e, conseqüentemente, o próprio cinismo.

Diógenes, o primeiro dos filósofos cínicos, nasceu há cerca de dois mil e quatrocentos anos atrás na Grécia, numa cidade chamada Sínope. Segundo as notícias que nos chegam da antiguidade, era filho de um banqueiro de nome Hicésias e se viu, conjuntamente com seu pai, envolvido num escândalo financeiro. Seu pai era o administrador do banco público de Sínope, e havia sido encarregado da tarefa de retirar moeda falsa de circulação. Ao invés disso, Hicésias retirou a moeda verdadeira como sendo falsa, sendo descoberto e desaparecendo de cena. Após isso, Diógenes foi banido de Sínope e para aí jamais voltou, tornando-se, desde então, um filósofo andarilho. Segundo Diógenes Laércio, filósofo alexandrino que escreveu a biografia dos filósofos célebres da Antiguidade, Diógenes teria, chegando a Atenas, conhecido Antístenes. E Diógenes conquistara a amizade de Antístenes (que não queria discípulo nenhum) pela insistência, ainda que Antístenes o repelisse a golpes de bastão: “E quando Antístenes estendeu-lhe o bastão – diz-nos Diógenes Laércio- [...] Diógenes falou: “Bate, pois não encontrarás madeira dura o bastante com a qual me afares, na medida em que eu pensar estares dizendo algo que eu queira ouvir”.

Hoje, porém se sabe que Diógenes não conheceu de fato Antístenes (Diógenes chegou a Atenas depois da morte deste), mas é certo que Antístenes antecipou, como discípulo extremado de Sócrates, várias ideias que seriam desenvolvidas por Diógenes e pelos demais cínicos, sendo por isso considerado o precursor do cinismo.



Diógenes, detalhe da *Escola de Atenas*, de Rafael³

³ Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Diogenes_at_sculoa_di_atene.jpg

II

Diógenes desejou permanecer insepulto. Então os amigos disseram: Exposto aos pássaros e às feras? Não, de modo algum, disse Diógenes, mas ponde próximo a mim um pequeno bastão com o qual os afastarei. Mas – replicaram os amigos – o que poderás fazer? Com efeito, naquele lugar nada sentirás. Em que, portanto – concluiu Diógenes – me ameaça o despedaçar das feras quando nada mais sinto?

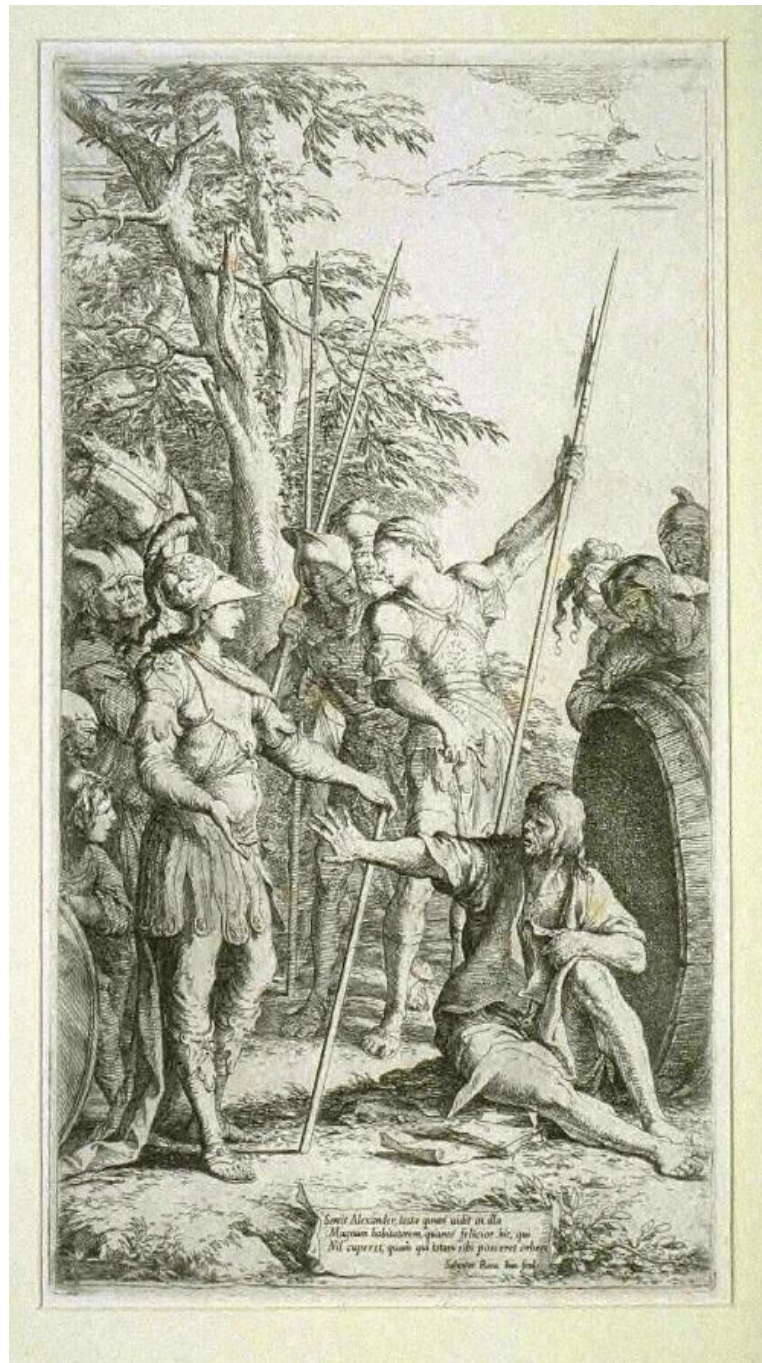
(Cícero, *Questões Tusculanas*, V, 104 ss.)⁴

III

Se alguém duvida da felicidade de Diógenes, é possível duvidar também da condição dos Deuses imortais, se vivem de modo pouco feliz porque não possuem nem propriedades nem jardins nem terras de grande valor com camponeses estrangeiros nem grandes lucros no Fórum. Tu, quem quer que sejas, te admiras diante de riquezas – não te envergonhas? Pois bem, observa o mundo. Verás nus os Deuses, todas as coisas ofertando, nada possuindo. Pensas este, que se desembaraçou de todas as coisas fortuitas, pobre ou semelhante aos deuses imortais? Chamas mais feliz Demétrio Pompeano, o qual não teve vergonha de ser mais opulento que Pompeu? [...] O único servo de Diógenes fugiu e, quando o servo foi encontrado, não pensou ser tão importante trazê-lo de volta. “É indigno,” disse ele, “que Manes possa viver sem Diógenes e Diógenes não o possa sem Manes”. Parece-me que Diógenes quis dizer: “Faz teu trabalho, ó Fortuna, nada mais de Diógenes é teu. Meu servo fugiu de mim, mas, na verdade, eu parti livre!”

(Sêneca, *Da Tranquilidade da Alma*, VIII, 5-8)

⁴Essa e os demais traduções que seguem foram feitas por mim do grego ou do latim.



Alexandre Visitando Diógenes - Salvator Rosa, 1662⁵

⁵ Fonte: <http://uts.cc.utexas.edu/~timmoore/BeaGreekweb/Diogenesprint.jpg>

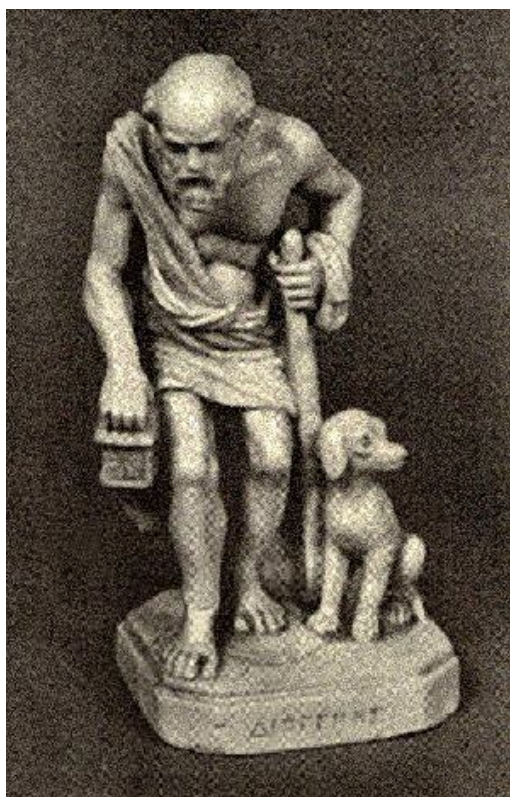


Imagem romana de autor desconhecido representando Diógenes com seu bastão, sua lâmpada e um cão.

IV

- Dize, cão: de que homem guardas, sentado, a coluna funerária?
 - Do Cão. – Mas que homem era este “Cão”? – Diógenes. – De que País? – De Sínope – Aquele que habitava um barril?
 - Isso mesmo. Mas agora, tendo morrido, tem como casa as estrelas.
- (Epigrama de autoria anônima, *Antologia Palatina*, VII, 64)



*O Encontro de Alexandre o Grande e Diógenes- Gaspar de Crayer (1584–1669)*⁶

V

Eis aqui a tumba do sábio cão Diógenes, o qual outrora
Vivia despojado com sua alma viril,
Ia e vinha em companhia de um bastão, seu alforje e um manto,
Armas sábias que se bastam.

Mas vai para longe deste túmulo, insensato, que o
Sinopeu, mesmo no Hades, absolutamente detesta o que é vil.

(Antipater de Sidon (1 a .C.), *Antologia Palatina*, VII, 65)

⁶ Fonte: http://www.isidore-of-seville.com/thumbnail/alexander_8398.jpg



Alexandre, o Grande, visita Diógenes - gravura do século XIX⁷

VI

De que modo, digo-te, é conveniente admirar tanto Diógenes quanto Dédalo? Qual destes vês como o mais sábio? Quem inventou a serra ou aquele que, quando viu um menino bebendo água com a palma da mão, quebrou imediatamente o cálice retirado do pequeno alforje com esta repreensão a si mesmo: “Por quanto tempo eu, homem estúpido, carreguei fardos inúteis!” [...] Qual dos dois pensas ser mais sábio: quem inventou de que modo lançar perfumes de açafreão por tubos ocultos a imensa altura, quem enche ou seca canais com súbito ímpeto e reúne tetos das salas de jantar flexíveis com molduras, de tal modo que uma face suceda em seguida a outra e tantas vezes os tetos sejam trocados quanto as iguarias⁸ ou aquele que mostra-nos ser possível estarmos vestidos sem o comércio de sedas, que mostra-nos ser possível ter as coisas necessárias para o nosso uso se estivermos satisfeitos com aquelas coisas que a terra põe em sua superfície? Se o gênero humano desejar ouvir este sábio, saberá ser supérfluo

⁷ Fonte:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/23/Alexander_visits_Diogenes_living_in_a_barrel_at_Corinth_in_an_early_19th_century_engraving.jpg

⁸Sêneca descreve aqui as engenhocas que se encontravam numa das salas da Domus Aurea construída por Nero.

para si tanto o cozinheiro quanto o soldado. [...] As coisas necessárias consistem no simples cuidado. Pela luxúria muito se labora. Não desejarás artífices: segue a natureza.

(Sêneca, *Cartas a Lucílio*, XC, 14-16)



Ruínas do Craneion em Corinto, onde Alexandre teria encontrado Diógenes

VII

O bastão, o alforje e o manto duplo: o levíssimo

Fardo do sábio Diógenes.

Tudo levo para a barca, pois nada deixei sobre a terra.

Vamos, ó cão Cérbero, abana a cauda para mim, o Cão.

(Honesto, *Antologia Palatina*, VII, 66)

VIII

Quando Alexandre pediu que lhe dissesse se precisava de algo, Diógenes disse: “Agora, na verdade, afasta-te um pouco do sol”. Alexandre se pusera diante, como é evidente, dele que se aquecia ao sol. Na verdade, Diógenes costumava argumentar sobre em quanto superava o rei dos Persas na vida e na fortuna: ele nada desejava para si, mas

para o rei da Pérsia nada seria suficiente em tempo algum. Se Diógenes não desejava as volúpias do rei da Pérsia, que este último nunca pode saciar, as suas o rei da Pérsia não poderia obter de modo algum.

(Cícero, *Questões Tusculanas*, III, 92)



Diógenes - por Jean-Léon Gérôme, 1860 (Walters Art Museum/USA)⁹

IX

Alexandre da Macedônia costumava vangloriar-se por não ser vencido por ninguém em benefícios. Não há porque contemplar com excesso de orgulho os macedônios e os gregos e os caros e os persas e as nações distribuídas no seu exército, nem porque se julgue assim por ter construído um reino que se estendia desde um canto da Trácia até as costas do desconhecido mar. Da mesma coisa poderia vangloriar-se Sócrates; da mesma, Diógenes, por quem, em todo caso, Alexandre foi vencido. E como

⁹ Fonte: http://www.cinestatic.com/infinitythought/uploaded_images/diogenes-735082.jpg

não teria sido vencido naquele dia no qual, já inflamado acima da medida da soberba humana, viu alguém a quem não pudesse nem dar alguma coisa nem arrancar?

(Sêneca, *Dos Benefícios*, V, VI, 1)

X

Mas há alguns homens que se colocaram para além de toda cupidez humana, os quais dificilmente são atingidos por algum desejo humano, aos quais nada é possível ser feito por intermédio da Fortuna. Necessário é que eu seja vencido por Sócrates em benefícios, necessário é que eu seja vencido por Diógenes, que caminhou nu por entre as riquezas dos macedônios calcando os tesouros do rei. Oh, certamente ele, então, foi visto, tanto por si mesmo quanto por aqueles para os quais não havia a eclipsante ignorância de ver distintamente a verdade, elevar-se acima daquele abaixo de quem todas as coisas jaziam. Foi muito mais poderoso, muito mais rico que Alexandre, então possuidor de todas as coisas. Mais, com efeito, era o que Diógenes não desejou aceitar que o que Alexandre poderia dar.

(Sêneca, *Dos Benefícios*, V, IV, 3-4)



Prato da Antiguidade com representação de Diógenes em seu barril

XI

Também o bronze envelhece com o tempo,
Mas tua glória, Diógenes, nem toda a eternidade destruirá.
Pois somente tu mostraste aos mortais a doutrina da autossuficiência
E o meio mais fácil de viver.
(Antífilo de Bizâncio (séc. 1), *Antologia Palatina*, XVI, 334)



**Diógenes em seu barril - fragmento de uma lâmpada da Antiguidade
(Museu Britânico- Londres)**

Referências Bibliográficas:

- CÍCERO. *Tuculan Disputations*. Trad. J. E. King. Cambridge: Loeb, 2001.
- DINUCCI, A. *Notas sobre la escuela filosófica cínica*. IN: *Estudios contemporâneos sobre ética*. Sergio H. Menna (org.). Córdoba: Jorge Sarmiento, 2008.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of eminent philosophers, volume I*. Trad. R. D. Hicks. Cambridge: Loeb, 2000.
- PLANUDES, M. *The Greek Anthology, books VII-VIII*. Trad. W. R. Paton. Cambridge: Loeb, 2000.
- _____. *The Greek Anthology, books XIII-XVI*. Trad. W. R. Paton. Cambridge: Loeb, 1995.
- SÊNECA. *Moral Essays, volume II*. Trad. J. W. Basore. Cambridge: Loeb, 2001.
- _____. *Moral Essays, volume III*. Trad. J. W. Basore. Cambridge: Loeb, 2001.
- _____. *Epistles 66-92*. Trad. R. M. Gummere. Cambridge: Loeb, 2001.